

PREFÁCIO DE RAYMOND WILLIAMS EM *LANGUAGES OF NATURE* (1986): TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS¹

Hiago Vaccaro Malandrin
Universidade Estadual de Campinas

Resumo

O artigo constitui-se numa tradução do inglês para o português brasileiro do prefácio redigido por Raymond Williams (1921-1988) para *Languages of Nature: critical essays on science and literature* (1986), livro organizado por Ludmilla Jordanova que reúne textos de diferentes autores, os quais discutem os vocabulários presentes nas disciplinas de ciências e de literatura entre os séculos XVIII e XIX. O prefácio de Williams contém uma análise das relações estruturais entre as categorias de Ciência e Literatura a partir de sua experiência particular e do diálogo crítico com outras obras que vertem sobre a mesma temática. Além de oferecer uma tradução do prefácio, o artigo apresenta uma seção inicial de apresentação, assim como uma seção final contendo análise e comentários. Essas duas seções introduzem e analisam o prefácio à luz da obra de Williams e de sua recepção no Brasil.

Palavras-chave: Tradução, Raymond Williams, ciência, literatura, sociedade.

Abstract

The article is a translation from English into Brazilian Portuguese of the preface written by Raymond Williams (1921-1988) for *Languages of Nature: critical essays on science and literature* (1986), a book organized by Ludmilla Jordanova that brings together texts by different authors, which discuss the vocabularies present in the science and the literature disciplines between the 18th and 19th centuries. Williams' preface contains an analysis of the structural relationships between the categories of Science and Literature based on his particular experience and the critical dialogue with other works that deal with the same theme. In addition to the offered translation, the article presents an initial presentation section, as well as a final section containing analysis and comments. These two sections introduce and analyze the preface by the light of Williams' work and its reception in Brazil.

Keywords: Translate, Raymond Williams, science, literature, society.

Introdução

O prefácio redigido por Raymond Williams (1921-1988) que aqui nos propomos a traduzir e comentar é parte do livro *Languages of Nature: critical essays on science and literature* (1986). Organizado pela historiadora Ludmilla Jordanova, o livro reúne uma série

¹ Os direitos do prefácio original, contido no livro *languages of Nature*, são propriedade de Raymond Williams. Agradecemos ao auxílio do Richard Burton Archives (Swansea University) e de Raymond Williams Collection na busca pelos direitos autorais e pela autorização de publicação.

de ensaios que discutem os vocabulários associados as disciplinas de ciência e de literatura, procurando avaliar a formação do debate científico que emerge dos séculos XVIII e XIX. Ao mesmo tempo, os ensaios indicam como esses vocabulários culminam, juntos, em termos significativos comuns compartilhados entre a escrita científica e a escrita literária, passando a compor aquilo que é denominado no livro como um discurso mais geral sobre a cientificidade contemporânea. Importante mencionar que, assim como os ensaios presentes em *Languages of Nature* possuem uma perspectiva interdisciplinar, basta uma breve consulta nos colaboradores do livro para percebermos como estes também pertencem a um mesmo espectro de pesquisas interdisciplinares e pluridisciplinares.

Começando pela organizadora do livro, Ludmilla Jordanova, responsável pela introdução e pelo capítulo *Naturalizing the Family: Literature and the Bio-Medical Sciences in the Late Eighteenth Century*, foi professora nas Universidades de Oxford, Essex, York, East Anglia, Cambridge e King's College, sendo um importante nome nos estudos sobre a dimensão da história da ciência e das práticas históricas, assim como da cultura visual, material e sonora e seus papéis na vida pública. Gillian Beer é professora associada na Universidade de Cambridge, com pesquisas que procuram evidenciar as relações entre literatura, ciência e outras disciplinas acadêmicas, com destaque para o livro *Darwin's Plots* (1983), em que relaciona a forma dos romances vitorianos com o pensamento darwinista, conforme sintetiza em *The face of nature: Anthropomorphic Elements in the languages of The Origins of Species*, capítulo escrito para o livro *Languages of Nature*. Sally Shuttleworth é professora na Universidade de Oxford, estabelecendo interrelações entre literatura, ciência e medicina entre os séculos XIX e XXI, destacando-se o exame de textos literários à luz das ciências emergentes da medicina, da psicologia infantil e da psiquiatria em diálogo com o impacto da teoria evolutiva, sendo um exemplo dessa investida de pesquisa o capítulo *Fairy Tale or Science? Physiological Psychology in Silas Marner*, presente no livro que aqui estamos apresentando. Para além dos nomes destacados, também são colaboradores Anthony E. Pilkington com o capítulo *Nature as Ethical Norm in the Enlightenment*, James Rodgers responsável pelo ensaio *Sensibility, Sympathy, Benevolence: Physiology and Moral Philosophy in Tristram Shandy*, Maureen McNeil e o texto *The Scientific Muse: the Poetry of Erasmus Darwin* e Roger Huss encerrando o livro com o texto *Michelet and the Uses of Natural Reference*.

Como evidenciado pela breve apresentação do corpo de colaboradores do livro, ainda que o foco dos ensaios orbite em torno de produções que habitualmente são referências nas ciências biológicas, médicas, psicológicas e sociais, é contruído um diálogo com o campo literário, sendo este compreendido e reforçado ao longo dos textos como uma diretriz para a formação e consolidação em outras áreas de conceitos como natureza, sociedade e até mesmo a própria definição de vida (JODANOVA, 1986, p. 62-63). A introdução de Jordanova para o livro, para além de mobilizar as categorias de ciência e literatura nos séculos já citados, também constrói uma aproximação com a abordagem metodológica utilizada nos estudos de Raymond Williams sobre a cultura e seus desdobramentos a partir de um estudo semântico. A organizadora de *Languages of Nature* pauta-se, em especial, no livro *Keywords* de Williams – editorado no Brasil sob o título de *Palavras-Chave: um vocabulário de Cultura e Sociedade* – para introduzir a presença de dicotomias e dualidades nos conflitos linguísticos apresentados pelas categorias de ciência e literatura, como mente e corpo, humano e animal, vivo e não vivo, e masculino e feminino (JORDANOVA, 1986, p.33).

Propriamente sobre a discussão da dualidade, indicamos que esta é uma temática comum no pensamento de Raymond Williams e amplamente presente na produção do autor. Fato este que confere-se quando rapidamente averiguamos a bibliografia do autor e encontramos a mesma problemática da dualidade sob a forma de binômios nos títulos de suas obras: *Reading and criticism* (1950), *Culture and Society* (1963), *The Country and the City* (1973), *Marxism and literature* (1977), *Socialism and ecology* (1983), entre outros títulos. Deste modo, escolher trabalhar com a tradução de um texto de Raymond Williams até então não presente e inédito do cenário nacional implica também em escolher dialogar com toda uma tradição editorial que se encarregou de recepcionar o autor no Brasil.² Esse processo editorial remete a 1969, com a seleção de *Culture and Society: 1780-1950* – um dos principais livros de Williams em solo britânico – para receber uma versão traduzida para o vernáculo, que deu início ao processo de engajamento das editoras nacionais em traduzir o autor no Brasil a partir das décadas seguintes (PAIXÃO, 2018, p. 09-10).

Em um panorama cronológico, encontramos as traduções das obras de Raymond Williams no Brasil dispersas por cerca de cinquenta anos. Após a tradução de *Cultura e Sociedade*, a Zahar Editores traduzia *Marxismo e Literatura* em 1979, seguida, dez anos depois, pela Editora Companhia das Letras, responsável pela tradução de *O Campo e a*

² Sobre a discussão tradições interpretativas de Raymond Williams no Brasil ver o paper apresentado por Alexandro Henrique Paixão no 42º Encontro anual da Anpocs (2018, p. 06).

Cidade: na história e na literatura em 1989, sendo também a responsável pela tradução de um dos romances de Williams, *O povo das montanhas negras*, em 1991, e a reedição de *O Campo e a Cidade* em uma edição de bolso no ano de 2011. Retomando nossa análise cronológica, também na década de 1990 a editora paulista Paz e Terra publicou o livro *Cultura*, em 1992. Já na primeira década dos anos 2000, a editora Boitempo foi responsável pela tradução de *Palavras-Chave* em 2007 e de *Televisão*, em parceria com a Editora PUC Minas, em 2016. A editora Cosac Naify, recentemente desativada, publicou no vernáculo *Tragédia Moderna* em 2002 e *Drama em Cena* em 2010. A Editora Vozes republicou *Cultura e Sociedade*, em 2011 e, por fim, temos as edições da Editora Unesp, *Cultura e Materialismo e Política do Modernismo* em 2011, *A Política e as Letras* em 2013, *A Produção Social da Escrita* em 2014 e *Recursos da Esperança* em 2015.

Ainda que tenhamos conhecimento de uma tradição editorial que tem início na década de 1960, foi a partir de meados da década de 1990 que a produção de Williams passou a circular de forma vigorosa entre as editoras nacionais. Vale ressaltar que, em grande parte, as editoras responsáveis por traduzir o autor no Brasil são universitárias ou focadas no público universitário. Temos assim, tomando como marco inicial a primeira tradução do livro *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*, pela Companhia Editora Nacional em 1969, e final o livro *Televisão: tecnologia e forma cultural*, pelas editoras Boitempo e PUC-Minas em 2016, que a presença de Williams no mercado editorial brasileiro compreende cerca de cinco décadas, nas quais podemos encontrar, em termos da editoração nacional, grande parte da produção de Williams traduzida, compreendendo obras que datam do início ao fim da carreira intelectual do autor (PAIXÃO, 2018, p 15).

Apresentada a tradição editorial que se ocupa de localizar a obra de Williams no Brasil, podemos nos perguntar ainda em que medida o prefácio presente em *Languages of Nature*, dialoga com essa tradição. Para isso, precisamos repensar a produção de Williams que se ocupa dos estudos da cultura e da história-social, tendo em vista o momento de escrita e publicação deste material nos espaços britânicos. A produção intelectual do autor galês tem início em 1950, com *Reading and criticism* e se estende até publicações póstumas de ensaios e estudos reunidos. Entretanto, ao selecionarmos às produções que se localizam num espaço de tempo próximo à publicação de *Languages of Nature* encontramos trabalhos de Williams que se ocupam também das questões ecológicas em seu sentido mais amplo, procurando entender as relações mais íntimas entre os indivíduos e o meio em que vivem, como é

apresentado nos textos *Darwinismo social e Ideias sobre a natureza* – ensaios presentes em *Problems in materialism and culture: selected essays* (1980), reeditado em 2010 com o título de *Culture and Materialism* – e no livro *Socialism and ecology* (1983), o que fundamenta o convite oferecido a Williams em escrever o prefácio para um livro cujo título e o conteúdo de seus ensaios ressoam com as premissas presentes na produção do autor.

Quando pensamos na atualidade das pesquisas que mobilizam o pensamento e as obras de Raymond Williams encontramos uma crescente variedade de produções nacionais e internacionais que se ocupam de repensar e divulgar temáticas para além dos estudos culturais em primeira instância, ainda que essa seja a temática mais característica dos estudos sobre Williams. Em um panorama internacional podemos citar a ênfase dada aos estudos “ecoculturais” em diálogo às elaborações teóricas das últimas produções em vida do autor galês.³ Em âmbito nacional, para além de uma maioria de trabalhos centrados na temática da cultura, encontramos também um gradativo aumento de artigos, capítulos, estudos e pesquisas que colocam Williams como um referencial teórico mais amplo para as pesquisas em humanidades no Brasil, localizando o pensamento do autor em diálogo as tradições já presentes nos espaços de pesquisa nacionais, como aquelas associadas ao livro *O campo e a cidade*.

A tradução do prefácio e os comentários a serem apresentados procuram, para além de divulgar o texto escrito por Raymond Williams para *Languages of Nature*, construir um diálogo com a produção do autor que tem destaque nacional e internacional, apresentando uma nova perspectiva referente ao debate científico da atualidade que, embora redigido em 1986, permanece bastante contemporâneo para nós.

1. Tradução do Prefácio em inglês para o português

FOREWARD – Raymond Williams

PREFÁCIO – Raymond Williams

³ Vale ressaltar que esta é uma vertente composta em sua maioria por estudos internacionais que situam Raymond Williams enquanto figura central na fundação dos estudos “ecoculturais”, procurando identificar como o autor galês estabelecia uma conexão entre as atitudes culturais em relação à natureza e as ameaças em relação ao meio ambiente. Referente a esse debate internacional destaco dois artigos: LÖWY, M., SAYRE, R. *Raymond Williams, Romanticism and Nature*. *Capitalism Nature Socialism*. v. 29. p. 1-17, 2018; e GIBLETT, R. *Nature is ordinary too*. *Cultural Studies*, v. 26, n.6, p. 922-933. 2012.

[01] *'I suppose the two first persons you would choose to see would be the two greatest names in English literature, Sir Isaac Newton and Mr Locke.'* That is Hazlitt in 1825, reporting a conversation among his friends *'of persons one would wish to have seen'*. If the use of *'literature'* there is now surprising, where *'science'* or *'natural philosophy'* might be expected, the problem is as much ours as theirs.

[02] There are many historical reasons for the separation of what we have learned to call *'disciplines'*: some of them easily defensible in local terms. But beyond these there is a much more general imposition of new categories, which offer to be mutually exclusive. *'Science'* and *'Literature'* are the most immediately relevant examples. It is then easy to suppose that it is from such categories that we should investigate the many different kinds of practice which, in more than one sense, they cover.

[03] But this can be quite misleading when there are genuine problems of how different practices relate or should relate to each other, in assumptions, methods and results. People can ask, even seriously, how *'Literature'* and *'Science'* relate to each

[01] “Eu suponho que as duas primeiras pessoas que você escolheria conhecer seriam os dois maiores nomes da Literatura inglesa, Sir Isaac Newton e o senhor [John] Locke.” Esse é Hazlitt em 1825, narrando uma conversa entre amigos sobre “personalidades que gostariam de ter conhecido”. Se o uso do termo “literatura” aqui nos causa estranheza, onde “ciência” ou “filosofia natural” seria o esperado, essa é uma questão tanto nossa quanto deles.

[02] Existem muitas razões históricas para as divisões do que aprendemos a chamar de “disciplinas”: algumas delas são facilmente defensáveis em perspectivas locais. Mas, para além dessas, há uma imposição muito mais ampla de novas categorias, que se apresentam como mutuamente exclusivas. “Ciência” e “Literatura” são os exemplos mais imediatamente notáveis. É então fácil supor que é de tais categorias que devemos investigar a variedade de diferentes tipos de prática que, em mais de um sentido, são abarcadas por elas.

[03] Mas esse raciocínio pode nos induzir ao erro quando encontramos questões reais de como diferentes práticas se relacionam ou deveriam relacionar-se umas com as outras, em suposições, métodos e resultados. As pessoas podem perguntar, inclusive, como “Literatura” e “Ciência” estabelecem uma

other, or how either relates to the very similar general category of ‘Society’, without noticing that versions of these relationships – given enclosures, distances, oppositions – are already inscribed in the categories themselves.

[04] The most notorious modern example of this failure was the ‘Two Cultures’ controversy of the 1950 and 1960s: generous and passionate in its intended initiatives, but hopelessly confused by its enclosing categories and by its consequent omission of that whole area of practice and learning, itself reduced in shorthand to ‘society’, where the real and complex relationships are continually generated, tested, amended and renewed.

[05] It is a substantial achievement of the generation which inherited that kind of misdirection that ways have been found of addressing the undoubted problems more precisely and more specifically. The essays collected in this book are in the main based on the most immediately productive of these ways: that emphasis on language as history which encourages us to look at the actual

relação entre si, ou como ambas se relacionam com a categoria mais geral de “Sociedade”, sem notar que versões dessas relações – dado a restrições, distanciamentos e oposições – já estão inscritas nas próprias categorias.

[04] O exemplo contemporâneo mais notório desse fracasso foi a controvérsia de *Two Cultures*⁴ nas décadas de 1950 e 1960: generoso e apaixonado em suas intenções iniciais, mas irremediavelmente confuso na delimitação de suas categorias e na consequente omissão de toda área de prática e aprendizagem, que chamamos de “sociedade”, onde as relações reais e complexas são continuamente produzidas, testadas, alteradas e renovadas.

[05] É uma conquista substancial da geração que herdou este tipo de desorientação ter encontrado formas mais precisas e específicas de abordar problemas indisputáveis. Os ensaios coletados neste livro baseiam-se principalmente nas últimas produções dessas formas: a ênfase na linguagem como história, que nos encoraja a olhar para a composição real de ideias, argumentos e teorias em algumas de suas condições de produção que tiveram menos destaque até então.

⁴ *As Duas Culturas* (no original *The Two Cultures*) é a publicação na forma de livro da palestra pública de Charles Percy Snow em 1959 na Rede Lecture; a tese central é a de que as ciências e as humanidades haviam se dividido em duas perspectivas apartadas, nomeadas pelo autor de *duas culturas*.

composition of ideas, arguments and theories in some of their hitherto least noticed conditions of production.

[06] In practice this involves shifts in the analysis of language, against two strong currents of a different kind. Literary criticism, in its narrowest usage, had been moving towards a new form of isolation: that encounter of naked read with naked text which, if accepted, excludes not only contexts but the real social and historical conditions of both reading and writing. Linguistic analysis, under its most dominant theoretical tendency, was simultaneously moving towards deliberately ahistorical and indeed anti-historical modes; interestingly with an accompanying rhetoric of the replacement of ‘humanism’ by ‘science’.

[07] What had then to be done, in cultural studies generally, and here in this new kind of history of science, was to retrieve the effective methods of close verbal analysis which were in danger of being enclosed by these forms and to show, in practice, that any through verbal analysis is inevitably social and historical, unless theoretical blocks are deliberately imposed. There has been, and indeed still it is, as much

[06] Na prática, isso envolve mudar e contestar a forma como duas correntes diferentes e expressivas entendem a análise da linguagem. A crítica literária, em seu uso mais restrito, vem caminhando para uma nova forma de isolamento: o encontro do leitor comum com o texto comum e, se aceitarmos essa proposta, estaremos excluindo não apenas o contexto, mas as reais condições sociais e históricas de leitura e de escrita. Por outro lado, a análise linguística, em sua tendência teórica mais dominante, vinha simultaneamente caminhando por modelos deliberadamente a-históricos e até anti-históricos; curiosamente, acompanhada por uma retórica de substituição de “humanismo” por “ciência”.

[07] O que deveria que ser feito então, nos estudos culturais em geral, e aqui neste novo tipo de história da ciência, era recuperar os métodos eficazes de *close verbal analysis* (análise textual crítica), que estariam ameaçadas de serem restringidas por essas correntes teóricas, e mostrar, de maneira prática, que qualquer análise verbal é inevitavelmente social e histórica, a menos que bloqueios teóricos sejam deliberadamente impostos. Houve, e de fato ainda há, muita resistência a ampliar as formas de crítica literárias e análises linguísticas até então dominantes, assim

resistance to these extended forms of analysis from hitherto dominant types of literary criticism and linguistics as from, in a more familiar area, the simplest exponents of ‘science’ as a wholly autonomous form of knowledge. Thus the appearance of these essays, introduced from a conscious and challenging position in contemporary argument, is an event of importance: a casebook within what is too often a loose and running controversy.

[08] Of course what then happens, in detail, takes many different forms: analysis of the transfer, both deliberate and unexamined, of concepts and models; analysis of metaphors and of grammatical forms; analysis of areas of interaction between different forms of writing. Consciously historical, the essays treat selected examples from the eighteenth and nineteenth centuries, yet a sense of the twentieth century and of some of its central intellectual problems comes through quite clearly.

como, numa área mais familiar, os expoentes mais simples da “ciência” como uma forma totalmente autônoma de conhecimento. Portanto, a apresentação desses ensaios, introduzidos a partir de uma posição consciente e desafiadora no argumento contemporâneo, é um evento de suma importância: um conjunto de textos que fazem parte de uma controvérsia recorrente e comum.

[08] É claro que o que acontece então, em detalhes, assume diferentes formas: análise da transferência de conceitos e modelos, tanto as transferências já determinadas quanto as ainda não examinadas; análise de metáforas e de formas gramaticais; análise de áreas de interação entre diferentes formas de escrita. Conscientemente históricos, os ensaios tratam de exemplos selecionados dos séculos XVIII e XIX, ainda que certas percepções do século XX e de alguns de seus problemas intelectuais centrais se tornem claramente perceptíveis.

[09] Podemos ver a possibilidade de pensar em novas maneiras sobre conceitos que são tanto básicos quanto sobrepostos na prática, como “evolução”, “desenvolvimento” e “progresso”. Podemos não precisar alertar para o que está acontecendo, linguisticamente, em títulos contemporâneos

[09] We can see the possibility of thinking in new ways about such basic and in practice overlapping concepts as ‘evolution’, ‘development’ and ‘progress’. We may not need alerting to what is happening, linguistically, in such contemporary titles as *The Selfish Gene* and *The Naked Ape*, but we need not suppose that these are the mere wrappings of science, or of arguments derived from it: the inclusion of models, metaphors, transfers and allusions is a form of intellectual composition which needs as stringent examination as the evidence which, in apparently autonomous ways, is offered or interpreted.

[10] More interesting, perhaps, because otherwise more easily overlooked, are the areas of silence, absence, writing out, which closer analysis can identify, most clearly in the crucial linguistic complex of ‘Man’, ‘Mankind’, ‘man/woman’, and the deeply implicated constructions of linguistic and biological gender. The connections between this area and new questions about

como *The Selfish Gene*⁵ e *The Naked Ape*⁶, mas não precisamos supor que estes são meros invólucros da ciência, ou dos argumentos derivados dessa ideia: a inclusão de modelos, metáforas, transferências e alusões é uma forma de composição intelectual que necessita de um exame tão rigoroso quanto aquele aplicado às evidências que, de maneiras aparentemente autônomas, nos são oferecidas ou interpretadas.

[10] As mais interessantes, talvez, porque por outro lado são as mais esquecidas, são as áreas marcadas pelo silêncio, ausência, apagamento, que uma análise minuciosa pode identificar mais claramente nas construções linguísticas de “Indivíduo”, “Humanidade”, “homem/mulher” e nas construções profundamente implicadas de gênero linguístico e biológico. As conexões entre essas áreas e as novas questões sobre representações do corpo humano e, então, necessariamente sobre a natureza da medicina são especialmente importantes. Assim, quando a prática de uma análise crítica se encontra iniciada e sustentada, esse processo se estende ao próprio texto analítico: eu mesmo gostaria, por exemplo, de adicionar "o inconsciente" aos termos

⁵ *O Gene Egoísta* (no original *The Selfish Gene*) é o primeiro livro de Richard Dawkins publicado em 1976, que apresentada uma explicação à evolução das espécies na perspectiva do gene e não do organismo ou da espécie.

⁶ *O Macaco Nu* (no original *The Naked Ape*) é o título de um livro de Desmond Morris publicado em 1967 que descreve a espécie humana através de uma perspectiva etologista.

representations of the human body and then necessarily about the nature of medicine are especially significant. Again, when the practice of detailed analysis has been begun and is sustained, the process extends to the analytic texts themselves: I would want myself, for example, to add 'the unconscious' to the terms to be recognized as problematic.

[11] What most matters, however, is that there is now an increasing amount of collaborative exchange between writers and scholars and scientists whose training had been defined by both practical and conceptual boundaries but who in the very energy of sustained attention to their own evidence have been led to questions which they have to discuss with their intellectual neighbors and, as they can, with their distant or even estranged relations. To this notable enterprise in the collaborative study of the language of science and learning can be added the less developed and

reconhecidos como problemáticos.⁷

[11] O que mais nos interessa, no entanto, é que agora existe um número crescente de trocas colaborativas entre escritores, acadêmicos e cientistas, cujo treinamento foi definido por limites práticos e conceituais, mas que, com a própria energia gasta e atenção constante dedicada às questões especializadas às suas próprias evidências, esses grupos foram conduzidos a perguntas que os levaram a discutir com seus vizinhos intelectuais e, como não é incomum, com seus pares distantes ou até mesmo desconhecidos. A esse notável empreendimento no estudo colaborativo da linguagem científica e da aprendizagem, pode-se acrescentar o estudo colaborativo menos desenvolvido e metodologicamente menos preparado de instituições, formações, movimentos intelectuais e escolas e tendências, que agora é o elemento mais ativo na sociologia da cultura. As aplicações desse empreendimento à história da ciência, de forma aberta e crítica, ao invés de uma forma limitada, são certamente produtivas.

[12] Assim, nas áreas de grande e

⁷ Menciono que outros autores também versaram acerca da problemática da natureza humana e do mundo civilizado. Sigmund Freud em seu livro *O Mal-Estar na Civilização* (1930) apresenta como o processo de dominação da natureza física corresponde ao processo de dominação da natureza interior do homem na construção de uma civilização. Outros autores que se utilizam do mesmo argumento, à caráter de conhecimento, são Theodor Adorno e Max Horkheimer em seu livro *Dialética do Esclarecimento*, em que versam, valendo-se da figura mítica de Ulisses, a respeito dos controles dos impulsos como parte de um processo característico do mundo civilizado: "Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o conseguirá se conseguir não ouvi-lo. Disso a civilização sempre cuidou". (ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p.39).

methodologically less prepared collaborative study of institutions, formations, intellectual movements and schools and tendencies, which is now the most active element in the sociology of culture. Its applications to the history of science, in an open and critical rather than an enclosed form, seem certain to be productive.

[12] Thus, in areas of great and acknowledged intellectual difficulty, and on questions which underlie many of the major disputes and decisions of our own time, new collaborative work is coming through. Much of it, necessarily, is at a research level, and for exchange between the experienced. Yet its kinds of approach offer good prospects for practical initiatives – new kinds of course and inquiry – in a more general education. What we are now trying to understand, as a way of getting and giving an education, is how different kinds of knowledge – different and related kinds – contribute to our most general kinds of understanding. What we may increasingly be finding in that some of our most general and apparently obvious ideas in turn constitute the kinds of knowledge that we can recognize, or that we use them to

reconhecida dificuldade intelectual, e nas questões que estão por trás de muitas das principais disputas e decisões de nosso tempo, novos trabalhos colaborativos estão surgindo. Muitos destes, necessariamente, estão no nível de pesquisa e de troca especializada. No entanto, suas abordagens oferecem perspectivas interessantes para iniciativas práticas – novos tipos de conduta e de investigação – de uma educação mais geral. O que estamos agora tentando entender, como forma de podermos obter e ofertar uma educação, é como diferentes tipos de conhecimento – diferentes e relacionados – contribuem para nossas formas mais gerais de interpretação. O que podemos estar encontrando cada vez mais é que algumas de nossas ideias mais gerais e aparentemente óbvias, por sua vez, constituem os tipos de conhecimento que podemos reconhecer ou que usamos para sustentar as ideias.

[13] Esses ensaios estão sendo publicados em um momento em que há poderosas tentativas políticas, não apenas para reduzir todos os recursos educacionais, mas também para limitar, por suposição e preferência arbitrárias, toda a extensão de investigações e pesquisas. Ao mostrar como algumas de nossas ideias mais básicas sobre “natureza”, sobre “ciência”, sobre a própria “vida”, são, ao mesmo tempo, historicamente

support the ideas.

[13] These essays are being published at a time when there are powerful political attempts not only to reduce all educational resources but to limit, by arbitrary assumption and preference, the full range of inquiry and research. In showing how some of our most basic ideas, about ‘nature’, about ‘science’, about ‘life’ itself, are at once historically constituted and socially changed and contested, and moreover how they can inform or influence what seems the most ‘objective’ and ‘factual’ inquiries, this book is a significant contribution not only to specialist studies but to our most general interest.

constituídas e socialmente alteradas e contestadas, e como, além disso, podem informar ou influenciar o que parece ser uma investigação mais “objetiva” e “factual”, este livro é uma contribuição significativa não apenas aos estudos especializados, mas também de nosso interesse em geral.

2. Análise e comentários

Quando lemos acerca da recepção de Raymond Williams no Brasil, comumente lemos também sobre a recepção dos estudos culturais em solo nacional a partir da década de 1990, em especial com a inserção gradativa das obras de Williams no escopo da disciplina de estudos culturais. Procuraremos aqui, por outro lado, situar nosso autor como fundamental não apenas a essa disciplina, mas também para outros estudos que em alguma medida dialogam com os estudos da cultura e que nos apresentam modelos e traços que são regulares nos estudos brasileiros contemporâneos. Parafraseando Maria Elisa Cevalco sobre o exercício de situar e estudar Williams no Brasil, nossa proposta não é a de averiguar como o

projeto intelectual de Williams contido neste prefácio com marcas “de um país central e exportador de ideias e modos é imitado” (CEVASCO, 2003, p. 175) no Brasil – até porque não concordamos com essa ideia – mas sim de procurar entender em que medida o prefácio dialoga com outras formulações do autor que são importantes para seu estudo.

Raymond Williams escolhe iniciar o prefácio fazendo referência a um outro William, o escrito inglês William Hazlitt, para retratar como os conceitos de Literatura e de Ciência sempre compartilharam espaços comuns na história e no debate científico. De partida, podemos indagar sobre a natureza destes conceitos, questionando se são termos de uso específico ou se nomeiam disciplinas de representação mais geral. Quem nos responde esse questionamento inicial é Williams, justificando que literatura e ciências, bem como outros conceitos que dialogam com esses dois, serão tratados como categorias ao longo do texto. Se nos atentarmos por um momento ao livro *Cultura e Sociedade*, uma das principais produções de Raymond Williams, temos que o autor estabelece a existência de um mapa semântico a partir do qual é possível examinar as mudanças sociais e culturais que ocorreram na sociedade inglesa desde o processo da Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX. Nesse mapa semântico, cinco são as palavras de destaque para o autor: indústria, cultura, democracia, classe e arte (WILLIAMS, 2011, p. 15). No prefácio apresentado, Williams aplica o mesmo método, delimitando seu argumento inicial em torno de duas palavras: Literatura e Ciência, localizando-as separadamente como fruto daquilo que aprendemos a chamar de disciplinas ao longo de um processo histórico-cultural que reforçou essa divisão especialmente entre os séculos XVIII e XIX.

Encontramos ao longo do segundo e terceiro parágrafo um esforço do autor em indicar como as categorias de Literatura e Ciência estão inscritas em processos históricos de restrições, distanciamentos e oposições que definem e circunscrevem essas disciplinas. Para Williams, portanto, *literatura* e *ciência* são, antes de tudo, palavras, são construções linguísticas. Precisamos, então, nos atentar brevemente a essa assertiva, indagando a importância dessas categorias serem, antes de tudo, palavras. Esta é uma forma característica utilizada pelo autor para orientar o estudo da história e que o diferente, em alguma medida, da forma que outros autores de seu tempo pensaram o estudo dos objetos da cultura. É um processo particular aplicado por Williams para examinar a produção histórica do meio social através do emprego dado às palavras, entendendo esse emprego enquanto um objeto cultural (WILLIAMS, 2007). Considerando que a historiadora Jordanova faz referência ao livro

Palavras-Chave para construir a introdução do livro, nos utilizaremos desse mesmo título para entender as categorias apresentadas por Williams.

Iniciando pela palavra *ciência*, o autor comenta como esta pode parecer “uma palavra muito simples, ainda que recordemos que, antes do século XIX, ela possuía outros significados. Contudo, é exatamente na separação desses significados que existe uma história social significativa e ainda vigente” (WILLIAMS, 2007.p. 78). As primeiras distinções significativas em relação ao que hoje chamaríamos de ciência experimental, e do que na realidade chamamos retrospectivamente de revolução científica, já apareceram em meados do século XVII. Contudo, no século seguinte, ciência ainda carregava a significação de uma demonstração metódica e teórica mais geral, uma vez que sua “especialização em estudos específicos ainda não havia ocorrido de maneira definitiva” (WILLIAMS, 2007. p. 79). Também a partir do século XVII, certas mudanças tornaram-se visíveis no que era compreendido dentro da ideia de ciência, em particular, em sua diferenciação em relação à arte (WILLIAMS, 2007. p. 78). Dentre tais mudanças, Williams destaca principalmente aquelas associadas as ideias sobre a natureza, que estimularam uma maior especialização quanto aos entendimentos de método e de demonstração que situavam ciência como o estudo teórico e metódico da natureza (WILLIAMS, 2007. p. 79-80). Em contrapartida, entendiam a teoria e o método aplicado a outros tipos de experiência não como ciência, mas como outra coisa: a arte (WILLIAMS, 2007. p. 80). A distinção fundamental, a princípio, não estava associada diretamente a palavra *ciência*, mas, na distinção oitocentista entre aquilo que era entendido como experiência e aquilo que era entendido como experimento, ou seja, se tratava de uma distinção entre conhecimento teórico e conhecimento prático, que veio a se expressar como uma distinção entre ciência e arte em seus sentidos gerais em fins de século XVII e ao longo do século XVIII. (WILLIAMS, 2007. p. 78).

Apresentado sob qual contexto a ideia de ciência se desassociou da ideia de arte, precisamos ainda entender a palavra *literatura*, entendida para Williams como um elemento da arte. Literatura entrou na língua inglesa no século XIV, utilizada no emprego de *cultura refinada por meio da literatura – polite learning*; nesse contexto, literatura correspondia aos “significados modernos de letramento” – *literacy* (WILLIAMS, 2007. p. 258-259). O que Williams encontra e destaca para nós são as tentativas de especialização do termo literatura que se deram até o século XVIII, utilizadas para designar certos tipos de escrita a partir do momento em que houve uma distinção e separação da literatura em relação a outros tipos de

escrita – filosofia, ensaios teóricos, história, etc., que, como destaca o autor, podem ou não ser de interesse literário, mas que não são hoje normalmente descritos como literatura (WILLIAMS, 2007. p. 257). O que se torna evidente para Williams, assim como para nós, é que a mudança representada pelas palavras *literatura* e *ciências* é uma questão de história social e cultural. Isto porque, ao passo em que o discurso da ciência se desassociou da ideia de arte, o mesmo se observava dentro da evolução de usos da literatura, que passou a designar um nicho específico da produção textual.

No quarto parágrafo do prefácio, Williams constrói uma crítica às limitações da *controvérsia das Duas Culturas*, livro este que oscila entre as afirmações de uma unidade essencial e de uma completa separação entre ciências e humanidades, de modo que o autor aponta em seu prefácio as deficiências dessa controvérsia⁸, em que Charles Percy Snow acabou por omitir, ao longo da discussão apresentada, toda uma área de prática e aprendizagem – entendida por Williams como o cerne do termo Sociedade –, conceito central e utilizado para fazer referência ao espaço em que as relações entre indivíduos são produzidas, testadas, alteradas e renovadas (WILLIAMS, 1986, p. 11). Entretanto, Williams não se aprofunda diretamente em uma discordância com C. P. Snow, prosseguindo, no quinto parágrafo, para um diálogo com o que ele chama de *geração que herdou essa desorientação*. Williams considera uma conquista substancial que a geração que teve contato com essa “controvérsia” tenha encontrado formas mais precisas de abordar os problemas que até então haviam sido omitidos ou tomados como extraordinários, e, portanto, que não eram passíveis de análise. Williams enfatiza ainda que essa nova geração utiliza a linguagem como história, e que essa mudança de perspectiva se trata, na verdade, de um esforço em “reavaliar a composição real de ideias, argumentos e teorias em algumas de suas condições de produção que tiveram menos destaque até então” (WILLIAMS, 1986, p. 11).

A reavaliação destacada implica em contestar a forma como a crítica literária e a linguística entendem a análise da linguagem. Em relação a crítica literária, o prefácio de Williams está carregado com as expressões *naked reader* e *naked text*. Embora a tradução de *naked* permita compreender o sentido de *inocente*, *leigo* ou ainda com mais precisão *leitor virgem* e *texto virgem*, optamos aqui por priorizar o uso do termo *comum*, tendo em vista seu

⁸ Sobre a controvérsia em torno do livro *Two Cultures* é importante lembrar que Frank R. Leavis, autor com o qual Williams dialoga no interior de suas obras, também elaborou uma crítica voltada à Charles Percy Snow, autor do livro. Sobre esse assunto indicamos a publicação *The Two Cultures today: On the C. P. Snow-F. R. Leavis controversy* de Roger Kimball na revista nova-iorquina *The New Criterion* em 1994. Disponível em: <https://newcriterion.com/issues/1994/2/aoethe-two-cultures-a-today>.

uso no livro *Reading and Criticism* e na tradução para o espanhol *Lecture y Crítica*, em que encontramos respectivamente as expressões *general reader* (WILLIAMS, 1962, p. 46-47) e *lector común* (WILLIAMS, p. 89-90).⁹ Ao contestar a crítica literária e a linguística no sexto parágrafo, Williams propõe que devemos recuperar aquilo que o autor denomina *close verbal analysis* para o estudo de textos. Vale a pena mencionar que analogamente aproximamos esse conceito ao de *close reading*, proposto inicialmente por I. A. Richards e apropriado posteriormente por Frank R. Leavis enquanto uma proposta para o estudo e a análise do contexto de escrita por meio da produção textual. Em *A Produção Social da Escrita*, Williams nos conta como o *close reading* era um projeto ligado à educação que buscava colocar lado a lado “a teoria e a prática” (WILLIAMS, 2014. p. 241), ou seja, que procurava elaborar uma análise da cultura e da sociedade tendo o texto como princípio analítico. Deste modo, o *close verbal analysis*, guardadas as devidas proporções, também mantém seu foco sobre um princípio educativo tendo em vista que qualquer análise textual é uma análise social e histórica nas palavras de Williams. Optamos, portanto, por manter o conceito no original e destacar *análise textual crítica* como uma possível tradução para o termo no sétimo parágrafo do prefácio.¹⁰

Após brevemente criticar o problema do uso de modelos sem evidência histórica ou social, Williams retoma o texto no décimo parágrafo mencionando sobre as áreas de silêncio, ausência e apagamento nas construções linguísticas de *homem* – no sentido de mais geral de indivíduo histórico –, *humanidade*, *homem/mulher* e nas construções que partilham desse vocabulário nas questões de gênero linguístico e biológico. Nos parágrafos finais, Williams retoma o debate científico e a interação entre escritores, acadêmicos e cientistas com seus pares e “vizinhos” – mencionando os membros de áreas próximas –, comentando a contemporaneidade da troca de informações para a composição do que podemos chamar de linguagem científica. Basicamente, o autor está nos falando, em alguma medida, sobre o processo de recepção e transmissão de conhecimentos. Em *Cultura e Sociedade*, Williams observa como as pesquisas, estudos e formulações mais gerais dos indivíduos “são moldadas por sua experiência total e a transmissão mais cuidadosa do material, se não for confirmado

⁹ Propriamente sobre as expressões *naked reader* e *naked text*, Williams as apresenta também no escrito *Cambridge English and Beyond*, publicado em 1983 para a London Review of Books. Disponível em <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v05/n12/raymond-williams/cambridge-english-and-beyond>.

¹⁰ Um outro estudo sobre o termo *close* e a construção de conceitos dentro da obra de Williams pode ser encontrado no ebook *Raymond Williams & educação: coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino*. Organização de Alexandro Henrique Paixão. Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001091920>.

por essa experiência, não conseguirá uma comunicação bem-sucedida” (WILLIAMS, 2011, p. 282). Ou seja, Williams relata como a “comunicação não é apenas transmissão; ela é também recepção e resposta”, de modo que a “recepção ativa e a resposta viva, dependem por sua vez de uma comunidade de experiências eficiente e sua qualidade, também certamente, depende de um reconhecimento de igualdade e prática” (WILLIAMS, 2011, p. 282). A troca de informações, entendida como a transmissão e recepção, é, portanto, crucial para o avanço do debate científico, de modo que, como observa Williams, este estudo colaborativo menos associado a instituições, formações, movimentos intelectuais e a escolas e tendências, é certamente produtivo à história da ciência e a debate científico da atualidade.

A partir disso, Williams procura caminhar para o encerramento do texto comentando brevemente sobre o que ele chama de uma “educação mais geral”. Educação esta que Williams comenta também em *Recursos da esperança* (2015) como sendo necessária para “a confirmação dos significados comuns de uma sociedade e das habilidades necessárias para corrigi-los” (WILLIAMS, 2015, p. 22). Por fim, o autor retoma a premissa inicial de como certas palavras são poderosas em seus usos e trajetórias histórico-culturais, reforçando como as palavras que são normalmente compartilhadas entre os vocabulários científicos e literários – mas não limitados a esses dois – são, ao mesmo tempo, historicamente constituídas e socialmente alteradas e contestadas.

Considerações finais

O primeiro problema aparente quando pensamos em elaborar uma tradução é tentar entender quais os significados de elaborá-la. Ou melhor, entender no que implica traduzir determinado texto. E, felizmente, Peter Burke já nos respondeu essa questão ao anunciar que uma tradução contribui para a difusão de um dado conhecimento (BURKE, 2007, p. 43). Com essa resposta pontual e sucinta podemos comentar que nos empenhamos ao longo desse artigo em evidenciar como o prefácio traduzido de Raymond Williams consegue comunicar em suas poucas páginas sobre diferentes momentos da produção do autor e dos desdobramentos de seu pensamento.

Para Williams, a relação entre a ciência, a literatura e a sociedade, ou ainda, entre o discurso científico, o texto literário e o contexto social, sempre é uma constante. Isso porque tanto a ciência quanto a literatura só podem ser entendidas quando situadas dentro de seu

contexto de produção e quando transmitidas, porque um conhecimento, educativo ou não, depende dos processos de transmissão e recepção – de troca – para ser validado e divulgado. O mesmo vale para o vocabulário científico da atualidade: Williams observa como esse se valida – ou deveria validar-se – pelas trocas de sentidos entre palavras de uso comum nos textos da ciência e da literatura.

Esperamos assim, com a tradução e os comentários que foram apresentados, contribuir para a difusão de outras ramificações da produção de Raymond Williams, que embora ainda associadas a temática mais geral de cultura, situam o autor em diálogo a possíveis novas perspectivas.

Referências bibliográficas

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar 1985.

BURKE, P. Cultura da tradução nos primórdios da Europa Moderna. *In*: BURKE, P.; PO-CHIA HSIA, R. **Tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p. 13-45.

CEVASCO, M. E. **Dez Lições sobre os estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PAIXÃO, A. H. Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams. **42º Encontro anual da ANPOCS**. 2018. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt23-24/11308-linhagens-interpretativas-e-cesuras-epistemologicas-no-pensamento-social-brasileiro-sobre-raymond-williams/file>. Acesso em: 01 de novembro de 2022.

WILLIAMS, R. **A Produção Social da Escrita**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2011.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, R. **Reading and criticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1962.

WILLIAMS, R. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. Tradução de Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WILLIAMS, R. Prefácio, *In*: JORDANOVA, L. (ed.). **Languages of Nature**. Critical Essays on Science and Literature. New Brunswick, Rutgers University Press, 1986, p. 10-14